

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Contra da Veiga Jardim

Class.: 05

Data: 01/12/67

Pg.: 11 (Coleção 1ª)

Na trilha dos

índios Karajá - XII

CM 67-12-1/10/11

Guerreiro pune o raptor da mulher

Contra da Veiga Jardim

Rambuenonã, guerreiro respeitado, rebelou-se contra o sistema matriarcal e certo dia resolveu fazer uma viagem sem o consentimento da mulher. Quando fez a comunicação, a mulher lhe disse que ele não poderia se afastar da aldeia. Argumentava ela que, sendo a viagem muito longa, a lavoura iria ficar abandonada, por isso sua permanência na aldeia representava o sustento da família. Ele insistiu e a mulher, revoltada, bateu-lhe, puxou-lhe os cabelos, na tentativa de dissuadir Rambuenonã da viagem. Mas nada conseguiu e o guerreiro entrou na sua ubá e foi embora.

Passaram-se alguns meses. Na aldeia, foi programada a maior festa da tribo Karajá, denominada *Retóhokã*, em que os guerreiros de outras aldeias vêm em grupos para as competições. A festa durou semanas e quando terminou, o campeão de todas as lutas, que viera de outra aldeia, tomou-se de amores pela índia desprezada, mulher de Rambuenonã. O índio campeão era Telohone e ela, Atauak (Linda Dia). Ela correspondeu ao amor e quando o guerreiro Telohone voltou à sua aldeia levou a mulher em sua companhia. Estava consumado o adultério.

Rambuenonã regressa de sua expedição e toma conhecimento do ocorrido. Indignado, traça um plano de vingança. Recupera-se da estafante viagem e prepara as suas armas de guerra. Sua meta era a aldeia do índio sedutor, do dom Juan que roubara sua mulher. Parte à noite. As fogueiras ainda crepitam, mas a aldeia "inimiga" já dorme. O guerreiro traído procura a choça onde repousa o campeão dos torneios ao lado de sua amada. E assim ronda dias até conhecer bem o raptor e seus hábitos. Na mata defronta-se com ele e vence a luta, prostando-o com certa flechada. Tudo aconteceu sem ruído, sem alarde, uma luta de bravos. Rambuenonã sai de mansinho, aliviado por ter punido o traído.

A aurora chega radiante e a aldeia, ainda deslumbrada pelos raios do primeiro Sol, descobre com espanto que o seu campeão está morto. Uma flecha Karajá varara o seu peito. Depois dos lamentos, das cenas angustiantes, a aldeia lentamente volta à calma. Passados alguns dias, depois que o campeão repousa no campo santo, Rambuenonã volta à tribo e de lá refira a sua querida Atauak, levando-a para a sua aldeia. O adultério foi punido, dentro da lei dos guerreiros. Mas é preciso que fique bem claro: o adultério entre os Karajás é raríssimo, pois quando há divergências entre marido e mulher, é permitida a separação, voltando ela ao estado de donzela e ele às condições de rapaz solteiro, gozando das mais amplas regalias.

Antigamente, séculos atrás, o costume mandava que a mulher fosse sequestrada. Todos os guerreiros se aproveitavam, inclusive o marido. Se ela conseguisse escapar, era deixada numa praia, à beira do Araguaia, entregue à sua própria sorte. Que o espírito das águas tomasse conta dela, mas jamais poderia ela voltar à aldeia onde traiu um guerreiro. Hoje, a punição do adultério se processa de modo diferente: comprovada a traição, o marido comunica o fato aos parentes da mulher. Cabe a estes o castigo, dando na traidora uma tremenda surra de borduna. O marido ali fica apenas como espectador. A missão dos parentes é punir o sedutor. O próprio grupo ao qual pertence o dom Juan participa também do castigo. A lei é dura e tudo terá que ser feito para preservar o matrimônio. Mas isso só acontece quando o marido insiste em continuar com a mesma mulher. Caso contrário, ele larga a esposa, comunicando sua decisão ao Cacique e ao Pajé. Volta então ao seu estado de solteiro, guerreiro livre.

A índia se entrega livremente, mas, ao contrário dos "civilizados", ela sempre comunica ao marido que aceitou outro homem, sempre explicando que foi forçada. Nesse caso, depois de tudo esclarecido, ela não será punida. Só o dom Juan sofrerá as penas da tribo. O curioso é que existem grupos de mulheres que, apesar das leis punitivas, preferem a liberdade do sexo e costumam se aproximar da Casa de Arunnã para tentar os guerreiros. Não são casadas, ou são viúvas. Com essas aventuras, inteligentemente, conseguem arranjar um marido. Isto é válido na lei Karajá.

As mulheres estranhas ao grupo, vindas por vontade própria ou trazidas por um guerreiro, nunca poderão ser a primeira esposa de qualquer guerreiro. Serão sempre concubinas. O privilégio do matrimônio cabe às moças do grupo, sejam viúvas ou solteiras. Não esquecer que as cerimônias do casamento Karajá, já descritas em reportagem anterior, só são válidas quando se trata de virgem. Nos outros casos, o guerreiro faz a comunicação ao Conselho dos Velhos e passa a viver normalmente com a mulher. Essa comunicação é importante, pois o guerreiro perderá as suas regalias de solteiro, entrando numa nova vida.



DECISÃO

Rambuenonã, índio decidido, desafiou e venceu o sedutor de sua linda cunhá